A AD E A SALA DE AULA: A CRIAÇÃO DE PROCESSOS DIDÁTICOS DISCURSIVOS

Matheus Rodrigues dos Santos [1]

Carolina Fernandes [2]

Resumo:

O presente trabalho, norteado a partir de uma perspectiva Pêcheutiana da Análise de Discurso (AD), discute a formulação de um conceito de processos didáticos a partir de uma perspectiva da AD em concomitância com o funcionamento do discurso pedagógico escolar (DPE) polêmico (ORLANDI, 2003) por meio da análise da prática de estágio realizada em um oitavo ano do ensino fundamental. Para que conseguíssemos isso, nos utilizamos dos conceitos de polissemia e autoria articuladas a de discurso pedagógico, o que nos permitiu perceber, a partir disso, que o discurso polêmico favorece um processo interpretativo que tem como objetivo levar os alunos a assumirem a posição-autor em suas produções, sejam estas orais ou escritas, atuando, assim, em prol de suas, respectivas, formações sociais. Para a prática pedagógica analisada, criamos processos quatro processos didáticos discursivos complementares a fim de que de maneira a trabalharem de forma articulada, busque-se a formação de um aluno sujeito-cidadão crítico, reflexivo e agente ativo sobre a sua própria realidade, como o indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Palavras-chave: Discurso Pedagógico Polêmico. Autoria. Aluno-Autor.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

A AD E A SALA DE AULA: A CRIAÇÃO DE PROCESSOS DIDÁTICOS DISCURSIVOS

[1] Aluno de graduação. matheusrodriguesdossantos97@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. carolinafernandes@unipampa.edu.br. Orientador

A AD E A SALA DE AULA: A CRIAÇÃO DE PROCESSOS DIDÁTICOS DISCURSIVOS

1 INTRODUÇÃO

Este resumo aborda o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica no Ensino Fundamental a partir do trabalho conjunto com o projeto de pesquisa *Análise do Discurso e o Ensino de Língua*. Nele, utilizando-se de uma abordagem que tenta compreender o discurso e seu funcionamento dentro do ambiente escolar, se objetivou fomentar uma reflexão metodológica por meio da criação de um dispositivo teórico-prático construído com base em uma perspectiva da Análise de Discurso (AD) de vertente materialista. Para que assim, fosse possível atentarmos para questões as quais estão diretamente ligadas à formação de um aluno-autor (AA), capaz de pensar e refletir sobre o mundo e as problemáticas ao seu redor.

Atentar para esse AA está diretamente ligado ao trabalho com temáticas transversais, bem como para com a forma que os discursos circulam dentro da sala de aula. Por causa disso, observamos, também, o funcionamento de discurso pedagógico escolar (DPE) polêmico (ORLANDI, 1987), relacionando-o aos conceitos de autoria e polissemia, o que nos permitiu perceber que esse tipo de discurso favorece um processo de interpretação que visa levar o aluno a assumir uma posição de autor – e não só de reprodutor de dizeres – em suas produções orais e escritas, assim atuando, da mesma maneira, na sua formação humana.

Ressaltamos que esse DPE pode aparecer, normalmente, de algumas maneiras. Para Eni Orlandi (2008), ainda que não sejam passíveis de definições estáveis, três são as concepções de tipologias discursivas ao pensarmos no discurso pedagógico, atentando, a priori, para as relações entre a paráfrase e a polissemia. Dentre estes tipos, temos: o discurso Autoritário, em que se tem como intuito conter a reversibilidade, tentando diminuir ao máximo a aparição da polissemia do discurso do aluno; o discurso Polêmico, onde existe certo equilíbrio na forte relação entre a polissemia e a paráfrase, com a reversibilidade se dando sob certas condições e; o discurso Lúdico, em que tende-se para a polissemia total – passível de observação muitas vezes no trabalho de interpretações de imagens. Ainda para a autora (ibidem, p. 22), pode-se dizer que o exagero do discurso autoritário é a ordem no sentido militar; o do polêmico é a injúria e o exagero; do lúdico, é o non-sense.

Assim, a autora sugere que dentro da sala de aula seja utilizado um DPE polêmico, pois este além de propiciar estas práticas que visam trabalhar questões em prol da autoria dos alunos, possibilita, igualmente, um diálogo entre a escola e as temáticas que estão fora de seus portões, agindo como uma forma de ligar este "mundo real" ao ambiente escolar.

Partindo disso, nesta prática de estágio, executada por um discente do curso de Letras - Português e Literaturas de LP da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), foi levado para a discussão em sala de aula o tema do preconceito racial implícito - e muitas vezes explícitos - na teledramaturgia e na mídia brasileira, como um todo. Afinal, ao se tratar desses temas socioculturais corrobora-se para que os alunos pensem suas posições enquanto cidadãos na sociedade, atentando para a transposição de um discurso que, da parte deles, normalmente é parafrástico, para um discurso polissêmico, que transpasse uma perspectiva somente do uso da língua, para o eixo da reflexão sobre sua utilização.

2 METODOLOGIA

Através de um método que se utilizou também do dispositivo teórico-metodológico da AD, onde se parte do funcionamento linguístico da língua para o funcionamento discursivo, temos aqui por objetivo investigar as redes de saberes produzidas pelos alunos do ensino

fundamental quando em contato com essa metodologia que se constrói em concomitância com a Análise de Discurso dentro da sala de aula.

Especificamente no que se refere à forma de metodologia que usamos, utilizando-se de forma diferente do conceito de etapas apresentado por Joaquim Dölz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004), pautamos a referida sequência a partir de processos contínuos e complementares os quais atentassem, prioritariamente, para o desenvolvimento da autoria dos discentes. Dessa forma, ela encontrou-se dividida em quatro grandes processos, que são: o de ruptura com uma realidade pré-existente; o de ponto diagnóstico; o de contextualização da(s) problemática(s) e, por fim, o que está ligado ao trabalho de socialização de tais reflexões obtidas durante os processos anteriores. Tendo em vista seu caráter pouco peculiar, trazemos abaixo uma breve contextualização do que, de fato, se trata em cada processo anteriormente citado.

Consideramos que ao tratarmos da AD através de um viés que a utilize como base de um método gradativo em prol de um ensino contextualizado e transversal, devemos, primeiramente, romper com uma cultura de interpretações unívocas. Assim, pensamos o primeiro dos referidos processos, de fato, enquanto uma ruptura com esta realidade a qual é pré-existente, a fim de que num estágio inicial quebre-se com esse pressuposto de interpretações quase que exclusivamente parafrásticas, de estancados sentidos. Isso, no decorrer das aulas futuras possibilita uma maior variedade de interpretações, ajudando a possibilitar a ideia de autonomia de sentidos por parte dos alunos.

O ponto diagnóstico, considerado o segundo processo, diferentemente do primeiro, situa-se em um outro eixo. Agora, compete ao professor observar o quanto seus alunos já conhecem sobre as temáticas socioculturais que serão futuramente trabalhadas, pois somente a partir disso torna-se possível adequar-se com maior eficácia às abordagens as quais serão realizadas em sala de aula no decorrer da prática didática.

O terceiro processo, de contextualização da(s) problemática(s), pode ser apontado como o mais importante de todos, pois é no decorrer dele que se tem o desenvolvimento gradual da temática sociocultural tratada. Isso se dará por meio da difusão de informações as quais irão possibilitar, no final, o caminho da transposição de um discurso que, por parte dos alunos, é muito voltado à paráfrase para a ocupação de um lugar de certa polissemia discursiva, comumente apresentada no discurso polêmico. Para que tais competências sejam alcançadas, este sub-processo se utiliza de conversas e debates que têm como objetivo, a partir dos gestos de leitura e interpretação dos sujeitos-alunos, estimular e compreender como estes se constituem enquanto autores quando influenciados por essa relação. Neste processo, ainda, consideramos que não exista a necessidade de ser feito um discurso explícito de ataque a essas problemáticas existentes. Afinal, acreditamos que o ato de politização é processual e intrínseco ao sujeito quando este está em contato com outras vozes, isto é, novos discursos, assim como poderemos notar, neste caso, através da compreensão e da contextualização das temáticas transversais as quais devem, a princípio, servir para que consigamos fazer o jovem refletir sobre seu lugar no mundo.

No que se refere ao último processo, o de socialização das reflexões postas durante as etapas passadas, notaremos este ser o estágio onde, em detrimento da contextualização, da abordagem e do desenvolvimento ocorrido anteriormente, os alunos terão seus lugares enquanto sujeitos privilegiados. Dar aos discentes a oportunidade de dialogarem suas reflexões com os demais colegas possibilita-lhes desenvolver sua autoria – também incentivada já nos processos anteriores – afinal, é a partir da interação que o sujeito se coloca enquanto sujeito-cidadão. A partir disso, torna-se possível traçarmos uma tênue linha a qual transpassa o ponto de origem do projeto, o de diagnóstico, até este que indica os resultados finais, isto é, parciais, do projeto vigente.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Essa pesquisa em andamento, até o momento, trouxe-nos alguns resultados parciais. Primeiro, no que se refere ao desenvolvimento da autoria dos alunos, podemos afirmar que, a partir deste trabalho com a AD em sala de aula, conseguimos perceber alguns deslocamentos de suas posições iniciais enquanto sujeitos, assim como, também, um melhor desenvolvimento de suas capacidades de leitura, escrita e autoria.

Segundo, no tocante à sua relação com a docência, salientamos a possibilidade de uma maior reflexão sobre o poder de *práxis* a qual ela nos apresenta, uma vez que relacionar as teorias discursivas com a sala de aula mostra-se um excelente caminho para essa junção, de fato, entre a teoria e a prática, sempre em prol da mudança de uma realidade vigente. Afinal, entendemos que só assim, por meio de um trabalho como este, pode-se de forma mais enfática trocar experiências entre professores e alunos, tendo em vista que refletir sobre os mais variados discursos a partir do diálogo é mais do que necessário para a constituição de um ser consciente, aproximando-se muito daquilo o que a noção, muitas vezes, vista como utópica, de *práxis pedagógica* nos diz.

Para Freire (1987, p. 38), a práxis liga-se diretamente a ação do ser humano sobre o mundo a fim de transformá-lo, por conseguinte, se tornando, sem ela, impossível a superação da contradição opressor e oprimido.

Para o autor, a ideia de práxis vai na direção contrária de dicotomias como a relação entre teoria em oposição à prática. A práxis humana supõe então um ato continuado a fim da transformação do mundo social, onde por meio de seu trabalho, no qual os estudos também estão inclusos, o ser humano cria e recria suas possibilidades de vida. E é enquanto isto, uma abordagem prática e teórica capaz de ajudar na compreensão do mundo no qual vivemos que pensamos a utilização dos conceitos básicos da AD dentro da sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, almejamos dar outro passo no que diz respeito à produção de conhecimento dentro da área dos estudos discursivos e textuais, pois através dele, ao invés de somente uma crítica ao ensino atual, conseguimos trazer, também, alternativas para uma metodologia que fuja de um discurso pedagógico autoritário.

Trabalhar em sala de aulas questões ligadas a um DPE polêmico está diretamente ligado à possibilidade de dar-se voz aos alunos, excedendo limites onde somente o professor tem a palavra dentro da sala de aula.

Não só isso, trazer para a sala de aula temáticas transversais corrobora de forma muito eloquente para a formação dos discentes enquanto cidadãos, dando-lhes a capacidade de autoria não somente de suas escritas, mas também, de seus dizeres e reflexões.

Por fim, cabe ressaltar que essa proposta de intervenção pedagógica, após devidamente sistematizada, estará disponível na Universidade para consulta, uma vez que o debate – e a pesquisa – em prol de novas metodologias, que fujam somente do corriqueiro, se faz de extrema relevância.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michèle. Schneuwly, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita:** apresentação de um procedimento. – 3ª ed. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2004.
ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos.** 8ª Ed. Campinas: Pontes, 2009.
_____. **Discurso e leitura.** – 3ªed. São Paulo, Cortez, 2008.
_____. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2007.
ORLANDI, Eni; RODRIGUES Suzy L. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade.** Ed. Campinas, SP. Pontes Editora, 2006.